

Lúcia Maria Cardoso Rosas *

O eremitério Os Santos em Sendim/Picote **

Situado no limite das freguesias de Sendim e Picote (Miranda do Douro) em local ermo e sobranceiro à margem direita do Douro, o eremitério *Os Santos*¹ localiza-se num daqueles locais, tantas vezes escolhidos para a construção de capelas e ermidas, de «deslumbramento paisagístico que favorecem o numinoso, facilitam a possibilidade de hierofanias e podem predispor para o sagrado»².

A ermida é formada por um abrigo, recortado em grande rocha granítica, voltado a nascente/sul. As faces nascente e sul, bem como a face que o cobre, apresentam pintura mural sobre reboco dividida em *painéis*, onde figuram a *Coroação de Nossa Senhora pela Santíssima Trindade*, *S. Paulo Apóstolo*, *A conversação entre Santo Antão e S. Paulo Ermita* e a *Crucifixão* (foto 1).

■ Professora Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coordenadora da Linha de Investigação de História da Arte e Património do GEHVID.

** Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do *Projecto Praxis XXI: Santuários e Itinerários de Santidade no Norte de Portugal – Área IV – Arquitectura, Pintura e Património Artístico*, coordenado pelo Prof. Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo.

1 É por esta designação que actualmente é conhecido o abrigo. Agradecemos a informação sobre a sua existência ao escultor José António Nobre.

2 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Religiosidade Popular e Ermidas*. «Studium Generale». Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular. Porto. Nº 6 (1984), p. 78. Neste estudo o autor refere-se à razão da preferência por ermidas para vivências religiosas de romaria e promessa, e à sua localização em lugar escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser espaço invulgar.



Foto 1.

Descendo a encosta, a cerca de 150m da margem do rio, permanecem as ruínas de uma capela, em local de abundante água, que apresenta, no cunhal sul-nascente da cabeceira, a data de 1596. Encostados à fachada sul, três compartimentos arruinados indicam prováveis abrigos de eremitas. A capela teria um alpendre porticado a nobilitar o portal ocidental, do qual ainda restam vestígios atestados por fustes de colunas³.

O local onde se situam o abrigo que apresenta pintura mural e a capela arruinada é conhecido pelo topónimo *S. Paulo*, embora actualmente a população designe o abrigo por *Os Santos*, igualmente nomeado por *Barrocos*, *Lapo* e *armita Billa* (ermida velha), neste último caso em oposição à capela, tradicionalmente considerada menos antiga⁴.

António Maria Mourinho registou três eremitérios situados na margem do Douro, em Terra de Miranda: *Santo André* (Cércio), *S. Paulo* (Sendim/Picote) e *S. Facundo* (Urrós), que data dos finais da Idade Média. O três exemplares têm em comum o local aprazível e isolado nas arribas do Douro, a existência de hortas e

³ Segundo informação da população de Sendim este alpendre existia ainda em meados do século XX.

⁴ Segundo informação fornecida pelo Padre António Mourinho, o Abade de Baçal refere-se ao abrigo com pintura mural que designa por *Lapo* ou *Santos das Barrocas*. Cfr. ALVES, Francisco Manuel – *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Porto, 1947, tomo 11, p. 434-436. António Maria Mourinho regista os topónimos *Barrôcos*, *S. Paulo* e o costume de designar o abrigo por *armita Billa*, para o distinguir da capela. Cfr. MOURINHO, António Maria – *Três Eremitérios no Douro, em Terra de Miranda*. «Gaya». Vila Nova de Gaia. Vol. 5 (1987), p. 197-198.

abundante água potável e, nos casos de *S. Paulo* e *S. Facundo*, a presença de sepulturas escavadas na rocha⁵.

A motivação da construção de pequenas ermidas está habitualmente associada não somente à prática da vida eremítica, mas mais nuclearmente à devoção e aos itinerários de santidade. Localizadas habitualmente em locais ermos implantam-se com frequência nos limites das paróquias como pólos devocionais das populações circundantes⁶. Em *S. Paulo*, o *Lapo* e a capela estão na marra das freguesias de Picote e Sendim, dominando uma paisagem deslumbrante. W. Christian referiu-se aos «dramatic sites of landscape»⁷, maximamente preferidos para a localização de capelas o que, no caso de *S. Paulo*, tem uma expressão sublinhada na paisagem erma e acidentada, marcada pelo vale muito encaixado do rio, pontuado de altas escarpas, que muito impressiona.

Referindo-se aos montes sacralizados, Carlos Alberto Ferreira de Almeida aponta como os locais mais favorecidos pelos romeiros «aqueles que apresentam penedos de formas ou posições insólitas, lapas ou fontes, verdeiros e avoredos, porque isso permite um peculiar sistema de acções e itinerários e, porque o homem tem uma necessidade fundamental de significados, tornam a imaginabilidade desse local muito rica, até pelas lendas etiológicas que se lhe associam, permitindo um conjunto de vivências que os possam unir a esse ambiente»⁸.

Como no caso de *Os Santos*, não faltam exemplos de ermidas e capelas edificadas junto a lapas, ou mesmo incorporando-as na sua construção.

Também sobre as arribas do Douro, o *Santuário do Salvador do Mundo*, no sítio do Ermo (S. Salvador da Pesqueira) tem a sua origem numa lapa onde viveu o eremita Gaspar da Piedade que aí se estabeleceu no século XVI. Depois de uma peregrinação a Jerusalém regressando ao Ermo, construiu uma ermida onde colocou as imagens de *S. Paulo Eremita* e de *Cristo Crucificado*, as preciosas relíquias que trouxe da Terra Santa, e várias imagens da *Paixão de Cristo*, evocadoras do Sacro Monte de Jerusalém, como se deduz do relato de Frei Agostinho de Santa Maria⁹.

Em Cervães (Vila Verde) no *Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho* o altar está entre dois penedos que formam uma gruta¹⁰, no *Santuário da Penha* (Guimarães) a primeira capela, dedicada a Nossa Senhora do Carmo aproveitava

⁵ Cfr. MOURINHO, António Maria – o.c., p. 195-198.

⁶ Sobre esta questão veja-se ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Religiosidade Popular e Ermidas*. «Studium Generale». Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular. Porto. Nº 6 (1984), p. 75-83.

⁷ CHRISTIAN, W. – *Local Religion in Sixteenth-Century Spain*. New Jersey, 1981, p. 22.

⁸ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Religiosidade Popular e Ermidas*. «Studium Generale». Estudos Contemporâneos. Religiosidade Popular. Porto. Nº 6 (1984), p. 79.

⁹ SANTA MARIA, Agostinho de, Frei – *Santuário Mariano*. 1712, t. 4, p. 125-127.

¹⁰ BARREIROS, Manuel de Aguiar, Cónego – *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga*. Braga, 1931, p. 109.

um abrigo sob penedo¹¹. O *Santuário de Nossa Senhora da Lapa* (Sernancelhe), um dos mais importantes na Época Moderna, encerra a gruta onde terá aparecido a imagem de Nossa Senhora, e em *Soutelo* o santuário é constituído pelo vão de enorme lapa¹². Em S. Silvestre de Requião a ermida de *Nossa Senhora da Pedra Leital* levanta-se junto a um penedo onde as mulheres a quem falta o leite sobem por pequenas cavidades¹³. No caso do *Santuário de Pedra Maria* (Varziela, Felgueiras) a capela-mor foi construída sobre um penedo sagrado.

As pedras, penedos e fragas são no folclore e nas religiões europeias lugares de amostragem do sagrado e do aparecimento de divindades. Aos penedos iam procissões e ladainhas, alguns recebiam cruzes, outros eram caiados e aí se gravavam sinais: cruzes, ferraduras, círculos e rosários¹⁴. Faz pois todo o sentido que eles se sacralizem com a construção de ermidas ou com o seu arranjo destinado à devoção.

São inúmeros os exemplos de imagens milagrosas aparecidas em fragas, lapas e grutas que dão origem à edificação de capelas, ou mesmo de aparições de Nossa Senhora sobre pedras ou dentro de grutas, onde se haviam refugiado os videntes.

A localização de *Os Santos* nos limite das freguesias de Picote e Sendim, além de ser frequente pelos motivos antropológicos e devocionais que acima referimos, desencadeia o enriquecimento do seu lendário. O lugar, o abrigo e a capela são disputados por três freguesias: Picote, Sendim e Pinilla, esta na outra margem do rio, em terras de Espanha. Os fregueses de Pinilla *roubaram* o sino da capela que ainda conservam. Segundo a lenda passaram o rio sobre odres de cabra, cheios de ar. Os paroquianos de Picote levaram a imagem de S. Paulo (da capela), que guardam na sua igreja paroquial. O abrigo pintado é reclamado por Picote uma vez que o terreno está aí registado, embora a população de Sendim reclame a sua propriedade.

Na face sul do abrigo recortado na rocha, a de maior dimensão, está representada a *Coroação de Nossa Senhora pela Santíssima Trindade* (foto 2). Nossa Senhora ao centro, de olhos baixos, em cujo manto são assinalados os detalhes

¹¹ ALMEIDA, C. A. Ferreira de – *A Penha e a Senhora da Lapinha. Elementos para a compreensão da religiosidade popular*. In «Santuário de Nª Sª da Penha. Simpósio Mariológico. Actas». Braga, 1994, p. 96.

¹² BARREIROS, Manuel de Aguiar, Cónego – o. c., p. 73.

¹³ BARREIROS, Manuel de Aguiar, Cónego – o. c., p. 87.

¹⁴ Sobre este assunto vejam-se, entre outras, as obras de: ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Território Paroquial de Entre-Douro-e-Minho. Sua Sacralização*. «Nova Renascença». Porto. Vol. 1, nº 2 (1981), p. 208 e COUSELO, Ferro – *Os petroglifos de término y las insculturas rupestres de Galicia*. Orense, 1962.



Foto 2.

decorativos da fímbria, é ladeada à sua direita por Deus Pai e à sua esquerda pelo Filho. Ambos seguram a Coroa em sinal de imposição. Sobre a coroa emerge, envolta em luz, a pomba do Espírito Santo. Sob esta cena, e no exacto limite por ela definido, corre uma inscrição a que nos referiremos adiante.

À esquerda, em painel distinto, está representado *S. Paulo Apóstolo* (foto 3) que, em posição de 3/4 e espada sobre o ombro esquerdo, contempla a cena da Coroação.

Na face nascente, dividida em dois painéis, no espaço vizinho ao painel de *S. Paulo Apóstolo* figura a iconografia de *Santo Antão ou Santo António Abade visitando S. Paulo Eremita/A conversação dos dois eremitas* (foto 4). *Santo Antão* apoia-se no tau e segura a campainha, seus atributos, enquanto *S. Paulo Eremita* levanta o braço direito para segurar o pão que lhe traz o corvo, sublinhando esta acção ao apontá-la com a mão esquerda.

O painel lateral, o mais fragmentado de todos, permite observar o braço de uma cruz, com um braço preso, em diagonal, e uma figura nimhada com manto, indicando uma *Crucifixão* (foto 5), A figura nimhada representará *S. João*.

Na face da cobertura permanecem vestígios de um céu estrelado.



Foto 3.



Foto 4.

O programa iconográfico, tendo embora por tema central a *Coroação de Nossa Senhora*, indicia a motivação eremítica do abrigo no que respeita à escolha da *Conversação dos dois eremitas*, uma das cenas do encontro entre os dois Santos.

A vida de São Paulo de Tebas (n. 229), o primeiro eremita, foi escrita por S. Jerónimo que o intitula *de Princeps vitae monasticae*. Santo Atanásio e S. Jerónimo contaram a vida de Santo Antão (n. 351), também cenobita da Tebaida¹⁵, sendo a vida dos dois eremitas ficcionada e popularizada na *Legenda Aurea*¹⁶.

Quando Santo Antão, no final da sua vida, visita S. Paulo no deserto este era então alimentado por um corvo que milagrosamente lhe trazia metade de um pão. No dia do encontro, Cristo duplica a ração que os dois Santos dividem entre si. A *Fractio Panis* foi interpretada pelos teólogos como símbolo da *Última Ceia* e do *Sacrifício da missa*, glosa eucarística muito antiga já representada em baixo-

¹⁵ Cfr. RÉAU, Louis – *Iconografia del arte cristiano. Iconografia de los Santos*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998, t. 2, v. 5, p. 23 e t. 2, v. 3, p.108, respectivamente. (Edição original em língua francesa de 1957).

¹⁶ VORÁGINE, Santiago de – *La Leyenda Dorada*. Madrid: Alianza Forma, 1996, v. 1, p. 97-98 e 107-111. A *Legenda Dourada* foi escrita em latim, c. de 1264, por Jacopo de Vorágine ou de Varazze.



Foto 5.

-relevo na cruz de Ruthwell (sec. VII, Nortumbria) onde se lê a inscrição: *Paulus et Antonius fregerunt panem in deserto*¹⁷.

A devoção a S. Paulo Eremita difundiu-se particularmente a partir do século XIII com a Ordem de São Paulo ou dos Paulinos, fundada na Hungria em 1252. Como o seu homónimo, São Paulo Apóstolo é patrono dos fabricantes de cestos¹⁸, tal como Santo Antão¹⁹. A ordem dos antoninos, foi fundada no século XI com uma vocação hospitalária. Especializou-se no tratamento de doenças contagiosas, convertendo Santo Antão em santo curador²⁰, o que lhe trouxe uma imensa popularidade. O *fogo de Santo Antão*, a peste e a sífilis eram as doenças para as quais se invocava o santo.

Os cónegos de Santo Antão já estariam em Portugal no reinado de D. Sancho II. Aqui tiveram cinco casas maiores, sendo a mais antiga e cabeça de todas, a de Santo Antão de Bem Espera, na Diocese da Guarda, e outras fundações, espalha-

¹⁷ Cfr. RÉAU, Louis – o. c., t. 2, v. 5, p. 24.

¹⁸ Cfr. RÉAU, Louis – o. c., t. 2, v. 5, p. 25.

¹⁹ Cfr. RÉAU, Louis – o. c., t. 2, v. 3, p. 111.

²⁰ Cfr. RÉAU, Louis – o. c., t. 2, v. 5, p. 110-111.

das pelo reino, às quais se deu o nome de *petitórios*, cuja localização é mal conhecida²¹.

Os eremitas da Serra de Ossa, cuja data de instalação não é clara, multiplicaram a suas casas durante o século XV e receberam, no século XVI, confirmação apostólica sob o título de São Paulo Eremita²².

Embora não tenhamos encontrado qualquer referência documental à existência de uma fundação eremítica ligada aos cônegos de Santo Antão ou aos eremitas de S. Paulo em Sendim/Picote²³, é indubitável que a iconografia do abrigo atesta uma motivação eremítica, muito embora a sua encomenda e factura possa dever-se a devoção de origem laica. A construção da capela, dedicada a S. Paulo parece atestar a existência no local, de uma comunidade de eremitas, ou simplesmente de um eremitão.

Retomando a pintura mural de *Os Santos*, cabe ainda notar que a representação da *Crucifixão*, tema máximo do sacrifício de Cristo e da Redenção, deverá relacionar-se iconograficamente com a *Fractio Panis*, símbolo do Sacrifício da Missa.

O tema glorioso da *Coroação de Nossa Senhora* constitui uma variante da *Assunção da Virgem*. A *Coroação de Nossa Senhora por anjos* corresponde a uma representação artística frequente na Idade Média, e a *Coroação pelo Seu Filho* é comum nos tímpanos das catedrais góticas dedicadas a Santa Maria, nos séculos XIII e XIV. Terá sido a partir dos inícios do século XV que a *Coroação pela Santíssima Trindade* se desenvolveu na arte ocidental em França, Itália e Espanha²⁴. Segundo German de Pamplona, esta iconografia tem influência na evolução da teologia mística mariana, que aproxima a relação entre a Virgem e a Santíssima Trindade²⁵.

A *Coroação da Virgem* constitui um motivo muito popular na arte cristã, embora esteja ausente das Escrituras. Foi um tema popularizado por Gregório de Tours e, posteriormente, por Jacoppo de Vorágine na *Legenda Aurea*. Com o objectivo e enfatizar este momento de glorificação é frequente que sejam incluídos vários personagens da corte celestial, como anjos, serafins e querubins, bem como santos, apesar dos anacronismos, cuja devoção à Virgem é especialmente relevante²⁶.

²¹ Cfr. ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Barcelos, 1967, v. 1, p.135.

²² Cfr. ALMEIDA, Fortunato de – *o.c.*, v. 1, p. 330-331.

²³ Uma consulta mais aturada dos Arquivos de Miranda do Douro (da Câmara Municipal, da Catedral e do Museu da Terra de Miranda), revelará provavelmente documentação sobre esta fundação.

²⁴ Cfr. RÉAU, Louis – *Iconografia del arte cristiano. Iconografia de Biblia. Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, t.1, v. 2, p. 645. (Edição original em língua francesa de 1957).

²⁵ Cfr. PAMPLONA, German de – *Iconografia de la Santísima Trinidad en el Arte Medieval Español*, Madrid: C.S.I.C., 1970, p. 165.

²⁶ Cfr. RÉAU, Louis – *Iconografia del arte cristiano. Iconografia de Biblia...*, p. 645.

A *Assunção* e a *Coroação* são temas assiduamente sobrepostos na pintura e na escultura retabulares. São disso exemplo a *Assunção de Nossa Senhora* (M. N. M. C.), tábuas central de um retábulo comprado no Norte de França em 1529, pela abadessa do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Celas (Coimbra), D. Leonor de Vasconcelos²⁷ e o volante direito do *Tríptico do Bom Jesus* (Museu de Arte Sacra do Funchal), datado dos inícios do século XVI, atribuído a Joos Van Cleve, no qual a *Coroação* é feita pela *Santíssima Trindade*²⁸.

Já o conjunto retabular dedicado à vida da Virgem, do designado Mestre de Arruda dos Vinhos, apresenta um painel onde figura a *Coroação de Nossa Senhora feita pela Santíssima Trindade* apenas ambientado por anjos, em painel autónomo da tábuas da *Assunção da Virgem*. Datável de c. 1560, o retábulo integra-se num ponto de encontro entre a tradição e as receitas maneiristas²⁹. Igualmente em linguagem de referente maneirista a tábuas da *Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade* guardada na sacristia da igreja de S. Gregório de Vale de Afonsinho (Figueira de Castelo Rodrigo) apresenta, tal como na *Coroação de Os Santos*, unicamente Nossa Senhora, o Pai, o Filho e a pomba do Espírito Santo.

Os exemplos que referimos poderão indiciar que a representação deste tema, em Portugal, se reporta ao século XVI já adiantado, não depreciando, no entanto, a possibilidade da existência de casos mais precoces.

Na Europa o tema é, indubitavelmente, já do final da Idade Média. Tal como Réau e German de Pamplona, Panofsky acentua que é nos séculos XV e XVI que a coroa é imposta em conjunto pela Trindade³⁰.

Reportando-nos à pintura mural datável do século XVI, no caso português, o tema da *Coroação de Nossa Senhora* está presente em Santa Eulália de Arnoso (Famalicão), acompanhando a *Anunciação* e o *Pentecostes*, em clara iconografia de motivação mariana. Neste exemplar a *Coroação* é feita por anjos. No entanto, o presente estado do estudo da pintura mural dos séculos XV e XVI, em franca evolução, bem como a constante *descoberta* de pintura até agora desconhecida, não permitem ainda comparações entre o tratamento do tema na lapa de *Os Santos* e outros hipotéticos casos.

²⁷ DIAS, Pedro – *Assunção de Nossa Senhora*. In «No Tempo das Feitorias. A Arte Portuguesa na Época dos Descobrimentos». Lisboa: S.E.C./I.P.M., 1992, v. 1, p. 154.

²⁸ CLODE, Luiza e PEREIRA, Fernando António Baptista – *Museu de Arte Sacra do Funchal. Arte Flamenga*. Lisboa: Edicarte, 1997, p. 68-69.

²⁹ SERRÃO, Vítor – *A pintura maneirista em Portugal: das brandas «maneiras» ao reforço da propaganda*. In «História da Arte Portuguesa», direcção de Paulo Pereira. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, v. 2, p. 443.

³⁰ Cfr. PANOFSKY, Erwin – *Peinture et Dévotion en Europe du Nord à la fin du Moyen Âge*. Paris: Flammarion, 1997, p. 65 (compilação de textos escritos originalmente em língua alemã, publicados entre 1927 e 1956).

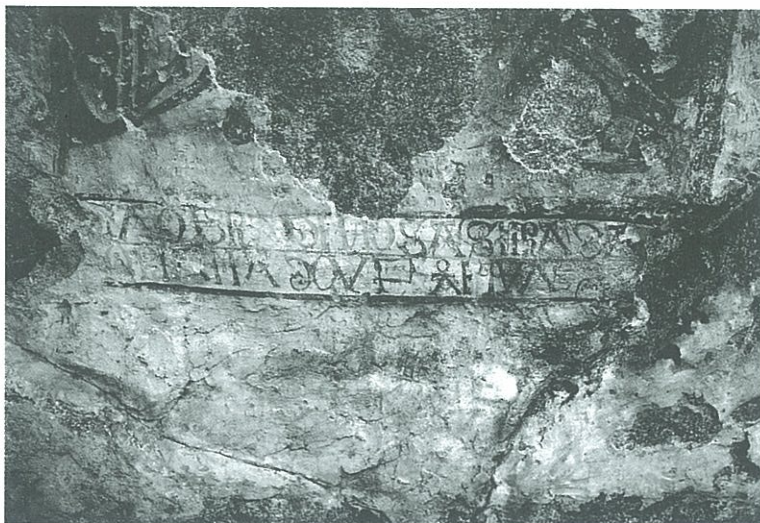


Foto 6.

Como referimos acima, a cena da Coroação, representado na lapa *Os Santos*, é acompanhada de uma legenda, igualmente pintada (foto 6), em caracteres que se reportam ao século XVI, embora possam corresponder a época ligeiramente anterior.

Em 1947 Francisco Manuel Alves publicou uma primeira leitura desta inscrição, partindo de uma cópia enviada por António Maria Mourinho, concluindo da sua leitura:

«Esta obra de Nossa Senhora da / Glória mandou propôr A(ntonio?) E(steves?) Juão. Era em Jesus de 1553. Pinilo»³¹.

Actualmente a inscrição encontra-se mais fragmentada do que na época em que foi copiada por António Maria Mourinho. A danificação é mais radical no princípio e no fim da inscrição, onde há importantes zonas de descolamento do reboco, que tornam impossível a sua leitura. Apenas logramos ler algo tão fragmentário como:

«[ES]TA // OBRA //DE // NOSA // SNRA // SA[...]
[...]RIA // MÃDOU // [FAZER] // [PEDRO] // [AFONSO]

A data lida por Francisco Manuel Alves também não é visível, embora nos pareça que a datação de 1553 seja consentânea com a iconografia, bem como com a factura de carácter regionalizante deste conjunto de pintura mural.

³¹ Cfr. ALVES, Francisco Manuel – *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*. Porto, 1947, tomo 11, p. 436.

A degradação da pintura de *Os Santos* tem-se acentuado tão velozmente nestes últimos anos que o seu registo, estudo, consolidação e conservação se tornam absolutamente indispensáveis.

A excelência do local, a raridade de pintura de temática religiosa em abrigo de rocha, bem como a sua importância para o estudo das atitudes devocionais, conferem a *Os Santos* uma qualidade que não podemos descuidar.

